



DEBATES EM EDUCAÇÃO

Programa de
Pós-graduação
em Educação (PPGE)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

ISSN Eletrônico 2175-6600

Vol. 11 | Nº. 25 | Set./Dez. | 2019

Jessika Afonso Castro



Universidade Federal Fluminense (UFF)

jessika.castro@ufv.br

Benedito Carlos Cordeiro



Universidade Federal Fluminense (UFF)

cordeirob@id.edu.br

Kelly Gomes Messias Andrade



Universidade Federal Fluminense (UFF)

andrakeg@hotmail.com

O CONHECIMENTO E A IMPORTÂNCIA DOS PRIMEIROS SOCORROS PARA PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

RESUMO

O estudo tem como objetivo identificar o nível de conhecimento dos servidores públicos de uma instituição federal de ensino do Estado do Rio de Janeiro, em primeiros socorros, bem como apontar a percepção deles quanto à importância e necessidade desse conhecimento para o trabalho no ambiente escolar. A Pesquisa Exploratória foi utilizada como metodologia, com ênfase em abordagem qualitativa. A importância do conhecimento em primeiros socorros para os participantes foi vinculada aos seguintes motivos: salvar vidas, um ato de responsabilidade e ser exclusivo do profissional de saúde. Os dados evidenciaram a falta de conhecimento em primeiros socorros dos servidores e a necessidade de medidas educativas para promover a autonomia e o empoderamento das habilidades em primeiros socorros.

Palavras-chave: Primeiros socorros. Educação. Saúde Escolar.

KNOWLEDGE AND THE IMPORTANCE OF FIRST AID FOR TEACHERS AND EMPLOYEES IN A FEDERAL EDUCATION INSTITUTION OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

This study aims to identify the level of knowledge of public servants of a federal education institution in the State of Rio de Janeiro in first aid, as well as to point out their perception regarding the importance and necessity of this knowledge to work in the school environment. Exploratory Research was used as a methodology, with emphasis on qualitative approach. The importance of knowledge in first aid to participants was linked to the following reasons: saving lives, an act of responsibility and being exclusive to health professional. The data evidenced the lack of knowledge in first aid of the servants and the need for educational measures to promote autonomy and empowerment of first aid skills.

Keywords: First aid. Education. School health.

Submetido em: 28/05/2019

Aceito em: 11/07/2019

Publicado em: 23/12/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n25p254-270>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

I INTRODUÇÃO

Os primeiros socorros são atendimentos temporários e imediatos aplicados ao acidentado ou portador de algum mal súbito, sendo procedimentos capazes de salvar vidas ou prevenir condições mais graves até a chegada de equipe especializada em atendimento emergencial. Seu objetivo é guardar a integridade da vítima e evitar agravamento das lesões. (STOCCO *et. al.* 2011; LEITE *et. al.* 2013).

Intercorrências podem ocorrer em diversos lugares e por diversas causas, tais como: fraturas, envenenamento, afogamentos, hemorragias, asfixia, quedas, acidente vascular cerebral, infarto agudo do miocárdio, queimaduras, entre outras. É importante salientar que essas situações não têm hora nem lugar específico para acontecer, podendo ocorrer na casa da vítima, em via pública, em shoppings, supermercados, eventos musicais, praias, escolas e outros lugares extra hospitalares (AMERICAN HEART ASSOCIATION, 2015).

As técnicas de primeiros socorros não são de competência restrita dos profissionais de saúde, sendo de suma importância que leigos aprendam corretamente a manipular a vítima e quando solicitar o socorro especializado. A capacitação de pessoas, em primeiros socorros, reflete diretamente na sobrevivência da vítima uma vez que, o socorro imediato e eficiente diminui o risco de morte e de agravos. (OLIVEIRA *et. al.* 2014).

Vale ressaltar que a aplicação de práticas de primeiros socorros não está relacionada apenas a uma questão caridosa ou ética, mas também legal, já que o Artigo 135 do Código Penal Brasileiro, Decreto nº 2.848 de 1940, discorre que qualquer pessoa que não preste ou providencie socorro à vítima, podendo realizá-lo, cometerá o crime de omissão de socorro, ainda que não tenha ocasionado o evento. Além disso, a omissão de socorro e o atendimento de primeiros socorros ineficientes são os principais motivos de mortes e danos irreversíveis nas vítimas de acidentes (BRASIL, 2002).

Nesse contexto, professores e funcionários que atuam em ambiente escolar devem receber cursos e treinamentos para o enfrentamento de situações que necessitem de cuidados imediatos, visto que é nesse ambiente que crianças e jovens passam a maior parte do dia e estão suscetíveis a sofrerem diversos acidentes, sejam eles em atividades esportivas ou até mesmo na própria sala de aula (SÖNMEZ *et. al.* 2014; MARTÍN, 2015).

Os profissionais da educação são geralmente os primeiros a vivenciarem uma situação que careça de socorro no ambiente escolar, justificando a necessidade desses profissionais possuírem competências, habilidades e boas práticas em primeiros socorros, para que então o atendimento seja eficiente e não altere, negativamente, o quadro da vítima (MARTÍN, 2015).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar o nível de conhecimento em primeiros socorros de servidores públicos, que trabalham em um campus de uma instituição de ensino federal no

Estado do Rio de Janeiro, bem como, verificar a percepção que esses profissionais possuem em relação à importância e à necessidade do conhecimento desse tema para o exercício de suas funções no ambiente de ensino.

2 MÉTODOS

O presente estudo é uma pesquisa exploratória, descritiva, com ênfase numa abordagem qualitativa. O estudo foi desenvolvido em uma instituição de ensino federal no interior do Estado do Rio de Janeiro. Ele integra uma pesquisa em desenvolvimento no curso de Mestrado em Ensino da Saúde da Universidade Federal Fluminense, cujo intuito é a implantação da Educação Permanente em primeiros socorros para professores e funcionários de uma instituição de ensino federal.

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas, realizadas entre os meses de maio e junho de 2018, quando foram gravadas e transcritas na íntegra. O roteiro da entrevista foi elaborado pelos autores do estudo, contendo as seguintes questões norteadoras: qual a importância dos primeiros socorros para a sua função e qual o seu conhecimento sobre primeiros socorros?. Além disso, foram aplicadas questões para caracterizar o perfil dos membros da amostra e para quantificar os dados em relação aos primeiros socorros.

Dos 60 servidores públicos, professores e técnicos administrativos educacionais lotados no cenário da pesquisa, a amostra foi composta por 16 participantes. Isso representa 26,67% do quantitativo de servidores, o que foi avaliado como suficiente para a concretização das análises através do critério de saturação, pelo qual foi observada a repetição de conteúdos explícitos nas falas dos participantes.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, aleatória, em um local tranquilo e em um momento que não atrapalhasse a rotina de trabalho dos participantes, atentando para o melhor conforto do entrevistado e minimização dos riscos emocionais. Cada entrevista teve duração média de 20 minutos.

A análise dos dados seguiu o método de análise de conteúdo de Bardin (2009), que pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. A análise, portanto, conforme orienta a referida autora, foi dividida em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação) (BARDIN, 2009).

A fim de preservar o anonimato dos entrevistados neste estudo, eles foram identificados com a letra P, representando participante, seguida por uma sequência numérica ordinal e crescente.

A discussão dos resultados foi fundamentada na literatura científica nacional e internacional, sendo também respaldada pelos princípios e ideais do autor Paulo Freire. Os elementos básicos dos resultados foram todos examinados, a fim de cumprir com os objetivos dessa pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal Fluminense, conforme Parecer nº 2.585.337, sendo consideradas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, advindas da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A abordagem aos servidores públicos ocorreu mediante convite verbal, com o qual os mesmos concordaram, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após terem sido informados sobre os objetivos da pesquisa.

3 RESULTADOS

A amostra foi composta por 68,7% dos servidores do sexo feminino e 31,3% do sexo masculino, sendo observada variação na faixa etária entre 21 e 56 anos, com média aritmética de 32 anos. Em relação à ocupação funcional, 38% eram docentes e 62% técnicos administrativos educacionais. O tempo de atuação na instituição de ensino variou entre 0 a 10 anos, com média aritmética de 3 anos. Quanto à formação, 81,25% possui curso superior completo. Destes 69,23% possuem pós-graduação, sendo 22,2% doutorado.

Sobre o conhecimento em primeiros socorros, 69% dos participantes relataram não possuir conhecimento de práticas de primeiros socorros. Contudo, 62% dos entrevistados referiram já ter participado de algum treinamento ou capacitação em primeiros socorros no processo de formação ou em outra etapa da vida. Em relação a já ter presenciado ou atuado no socorro de alunos ou servidores na instituição de ensino, 50% dos participantes responderam afirmativamente. Porém, 88% dos entrevistados responderam que não se sentiam preparados para prestar o primeiro atendimento em caso de acidentes ou agravos.

O corpus empírico resultante das falas dos participantes conduziu o estudo para a formação de duas categorias temáticas, conforme mostra o quadro I.

Quadro I - Categorias e subcategorias de análise

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS
Relevância do conhecimento de primeiros socorros	- Precisão e eficiência para salvar vidas e garantir a integridade física e emocional no socorro básico ou em caso de emergência. - Um ato de responsabilidade - Exclusivo ao profissional de saúde
Sapiência em primeiros socorros	- Senso comum sobre primeiros socorros. - Treinamentos e capacitações em primeiros socorros.

Fonte: Organização dos autores.

3.1 Categoria I: relevância do conhecimento de primeiros socorros

Dentre as respostas, surgiram as subcategorias que expressam os motivos pelos quais o conhecimento em primeiros socorros é necessário e importante para os profissionais que atuam no ambiente escolar:

3.1.1 Subcategoria I: precisão e eficiência para salvar vidas e garantir a integridade física e emocional no socorro básico ou em caso de emergência

Ao analisar as falas e compor esta categoria percebe-se que os motivos que os entrevistados descreveram, pela necessidade do conhecimento de primeiros socorros, estão atrelados a uma motivação “pró-social”. Ou seja, eles reconhecem que ao ter domínio de práticas de primeiros socorros podem beneficiar o outro. A pró-sociabilidade é caracterizada como um conjunto de atitudes que os indivíduos realizam para ajudar os demais, sem querer recompensas externas ou materiais. Partilhar, ajudar, cuidar e possuir empatia são alguns exemplos de ações pró-sociais (FERNANDES & OLIVEIRA-MONTEIRO, 2016).

Exaltando a presença dos comportamentos pró-sociais neste estudo e nesta categoria, os resultados demonstram que os entrevistados associam o significado de possuírem as informações necessárias e as habilidades técnicas em primeiros socorros para diminuir riscos, levar segurança para a cena, passar tranquilidade para o acidentado, atuar em tempo hábil para salvar vidas e diminuir sequelas.

“Eu conhecendo práticas de primeiros socorros posso salvar o aluno ou até mesmo evitar que ele fique com alguma seqüela” (P1).

“Preciso conhecer técnicas de primeiros socorros. Na escola se não tivermos esse conhecimento o aluno pode até morrer, pois minutos que perdemos pode fazer toda a diferença”(P2).

Os resultados também demonstram que os profissionais entrevistados reconhecem a relevância do primeiro atendimento adequado, dando ênfase à gestão do tempo como fator decisivo para a sobrevivência e diminuição de sequelas.

“Porque pelo que eu conheço de primeiros socorros, são exatamente os minutos iniciais de procedimentos é que vai trazer a oportunidade da vida da pessoa ou a morte, né?” (P15).

A autonomia e a segurança que o conhecimento em primeiros socorros pode trazer permanece explícita, nos depoimentos como determinante para a realização do socorro tanto no ambiente escolar como fora deste contexto.

“A gente precisa saber as técnicas de primeiros socorros para conseguir com segurança lidar com situações de emergência, que com certeza vão aparecer no campus ou em qualquer outro lugar”(P7).

“Isso é um conhecimento que é pra mim, independente do meu trabalho, eu vou poder utilizá-lo em uma situação de emergência no meu ambiente de trabalho, na minha casa, com meus amigos, em qualquer lugar que eu tenha”(P10).

3.1.2 Subcategoria II: um ato de responsabilidade

Os entrevistados do grupo pesquisado expressaram que o conhecimento de primeiros socorros é válido e necessário, **relatando a preocupação em cumprir com responsabilidade civil ao se** veem como responsáveis pelos alunos, já que se trata de uma instituição de educação básica e a maioria dos alunos é menor de idade. Essa responsabilidade é narrada em vários discursos, trazendo um contexto de proteção e zelo para com os estudantes.

“Primeiro os alunos são menores de idade, né? (...) me sinto responsável por eles “(P11).

“Quem trabalha com público creio que é importante saber, ainda mais aqui em um serviço público que acontece alguma coisa, com algum aluno ou alguém que está sobre minha responsabilidade” (P6).

Os participantes compreendem a responsabilidade social com o público para o qual prestam serviço, ou seja, se colocam como responsáveis pelo primeiro atendimento em caso de socorro e salientam que, se não prestarem o atendimento, isso pode acarretar consequências graves para a pessoa. Aliás, eles reforçam o discurso contra a negligência do socorro.

“Se acontece algum evento, situação, naquele momento, eu sou a primeira pessoa que vai fazer o primeiro contato. Então eu não posso simplesmente chega e falar: Ah, não. Eu vou esperar acontecer alguma coisa? Não, eu não posso negar o socorro. Vamos tentar apoiar essa pessoa, colocar ela para sentar, ventilar, dar água, alguma coisa assim”(P10).

3.1.3 Subcategoria III: conhecimento exclusivo ao profissional de saúde

Durante as entrevistas, quando questionados sobre a importância do conhecimento em primeiros socorros para a sua função na escola, apenas um entrevistado relatou que não vê a necessidade de possuir tais conhecimentos em sua função, descrevendo que o professor já possui diversas funções que não são de sua competência e prestar o atendimento de socorro seria exclusivo aos profissionais de saúde.

“Eu não acho importante, eu acho que o docente, cada vez mais, tem tido que saber muitas coisas que fogem à função dele. Ora e meia o professor tem que ser assistente social, psicólogo ou enfermeiro, né? O mais adequado é que cada escola tenha estrutura de atendimento e profissionais preparados pra prestar atendimento ao aluno” (P8).

Outro participante evidenciou que não se vê como o responsável pela realização dos primeiros socorros, atribuindo esta função ao profissional de saúde. Relata que na ausência deste profissional até prestaria o socorro, mas precisaria pesquisar na internet como proceder.

“Olha, eu chamaria as pessoas responsáveis, né? Se encontrasse na biblioteca um aluno que estivesse passando mal, eu buscaria uma enfermeira pra tentar resolver ou entraria mesmo no google e viria algumas ações pra tentar lidar assim de forma rápida. Mas a primeira ação eu tentaria buscar uma pessoa da área” (P7).

3.2 Categoria II: sapiência em primeiros socorros

Essa categoria remete aos conhecimentos em primeiros socorros que os participantes possuem, sendo dividida em duas subcategorias: “O senso comum sobre primeiros socorros” e “Treinamentos e capacitações em primeiros socorros”.

A falta de conhecimento foi enfatizada pelos entrevistados quando descrevem em seus discursos que não possuem conhecimento de primeiros socorros nem tampouco se sentem seguros para atuarem em um atendimento em que a vítima necessite de cuidados imediatos e precisos.

“Não tenho preparo, porque eu não sei o que fazer, eu não tenho treinamento, não tenho capacitação para esse tipo de coisa” (P13).

“Meus conhecimentos são mínimos, porque nem nessa instituição, nem na anterior, a gente teve essa capacitação” (P16).

3.2.1 Subcategoria I: o senso comum sobre primeiros socorros

Nesta subcategoria, surgiram diversas falas que demonstram que o conhecimento de primeiros socorros está atrelado ao senso comum, em decorrência das vivências e experiências do dia a dia dos participantes, seja na função exercida no ambiente escolar ou nos diversos papéis que exercem na vida pessoal.

Nesse contexto, alguns servidores citam o conhecimento em primeiros socorros associado ao ato de cuidar, relatando que o motivo do interesse nesse assunto é em razão dos filhos, crianças e/ou adolescentes em casa, bem como pela falta de conhecimento, por não terem experiências com a maternidade ou com situações em que parentes necessitassem de auxílios e cuidados de saúde, como os relatos a seguir:

“Eu nunca lidei com nenhuma situação assim, na verdade nunca cuidei de ninguém na minha vida, eu não sou mãe, eu não tenho filhos, eu não me sinto preparada, ainda mais numa situação emergencial” (P8).

“Meu filho uma vez colocou um troço na boca, né? E ficou um pouco sufocado e aí, para ajudá-lo eu usei os procedimento que a gente conhece do dia-a-dia mesmo” (P15).

Nas entrevistas, alguns servidores relataram conhecimentos e experiências prévias em primeiros socorros adquiridas no próprio exercício de suas funções ao vivenciarem situações de emergência nas escolas.

“Pelas experiências profissionais que eu tenho, se alguém necessitar da minha ajuda eu posso pegar e de repente ajudar. Teve uma colega minha que estava desmaiando, aí já socorri, já coloquei ela, aparei ela, coloquei uma cadeira, fiz uma ventilação com uma folha de caderno, alguma coisa pra tentar reanimar aquela pessoa” (P10).

“De acordo com minhas experiências no trabalho, algumas coisas eu ainda acho que consigo tomar alguma atitude, por exemplo, no caso de uma convulsão, eu sei que tem que às vezes segurar a vítima e virar de lado, porque ela pode vomitar e engasgar. Então, tem algumas coisas que eu tenho conhecimento da vida mesmo” (P12).

3.2.2 Subcategoria II: treinamentos e capacitações em primeiros socorros

Pode-se perceber nesta subcategoria que diversas falas evidenciaram que uma parcela dos entrevistados participou de capacitações ou treinamentos em primeiros socorros, mas, por não utilizarem rotineiramente as técnicas apreendidas, não há fixação do conteúdo para aplicação em caso de alguma situação de urgência e/ou emergência em seu ambiente de trabalho.

“Se esse treinamento não for dado com certa frequência, a gente acaba esquecendo. Sei disso porque eu já passei por treinamentos desse tipo. Eu não consigo me lembrar dos procedimentos” (P16).

“Porque primeiros socorros é isso, né? Você aprende, mas como você não sabe quando que você vai precisar usar aquilo, aquilo parece que vai saindo da sua memória, né? E quando você se vê diante do fato, você já esqueceu” (P13).

Entre os entrevistados, há aqueles que reforçam a ideia de que as práticas de primeiros socorros necessitam de constante atualização, ou seja, tais técnicas previamente adquiridas sofrem aperfeiçoamentos e demandam ações de reciclagem. Além disso, por serem práticas fora do cotidiano profissional escolar, são necessárias outras estratégias para o aprendizado e a manutenção do conhecimento de primeiros socorros.

“No momento que realizei o curso me gerou aprendizagem, assim, mas hoje me recordo pouca coisa” (P13).

“Eu não posso dizer que foi falta de treinamento, mas é a questão de que foi há 10 anos que eu treinei e depois desses 10 anos, esse conhecimento não foi reciclado, então a memória da gente substitui... sabe? Uma informação vai subscrevendo a outra” (P14).

“Às vezes, você está muito desatualizada, ou porque não está na prática da coisa, ou porque aquele conhecimento seu já foi renovado” (P15).

Assim, os participantes relatam sobre a necessidade do ensino em primeiros socorros no ambiente escolar ser algo permanente, não apenas pontual e direcionado a uma categoria específica.

“Eu acho interessante é que você tenha um treinamento continuado. Não adianta você ter um treinamento de enfermagem ou de primeiros socorros lá na década de 90 e não usar, e acontece uma situação e você de repente não sabe socorrer. [...] isso tem que ser periódico” (P10).

“Acho que é uma coisa contínua, que deve ser mantida, primeiro por causa dessa questão da atualização e porque como é um ensino conceitual, não é da prática em si, é importante que o conceito vá sendo trabalhado sempre, pra que na hora da prática da coisa, ele esteja presente” (P15).

4 DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo confirmam a percepção geral de despreparo e falta de conhecimento em primeiros socorros pelos profissionais da educação, alinhando-se aos resultados de outros trabalhos realizados no Brasil, em Portugal e na Índia (ESTEVES *et. al.* 2017; CALANDRIM *et. al.* 2017; GALINDO NETO *et. al.* 2018; JOSEPH *et. al.* 2015). O problema em questão parece estar relacionado a múltiplas falhas que decorrem desde a formulação de políticas públicas à formação e qualificação continuada dos profissionais.

No Brasil, como estratégia de promoção à saúde do escolar, foi implantado, em 2007, o Programa de Saúde na Escola (PSE), com o intuito de unificar ações em saúde e educação; visando à promoção, prevenção e avaliação em saúde dos escolares (MACHADO *et. al.* 2015; BRASIL 2015). Como uma das medidas de promoção da saúde, o PSE elenca diversas ações para a capacitação de professores e funcionários, que são realizadas em conjunto com a Estratégia de Saúde da Família do bairro, onde a escola está localizada (OLIVEIRA, 2014).

Apesar da relevância que o PSE oferece para a saúde dos escolares, não contempla o tema de primeiros socorros e, portanto, não oferece capacitação específica no assunto aos profissionais que atuam nas escolas. Essa constatação aponta para o crescimento de políticas educacionais que não consideram as reais necessidades dos alunos. Argumenta-se que a visão neoliberal e o aumento da mercantilização escolar contribuem para o planejamento de ações e metas de acordo com a necessidade do mercado e não das escolas (HYPOLITO, 2011).

Na mesma toada, a base curricular dos cursos de licenciatura não apresenta a disciplina de primeiros socorros, comprometendo a formação dos profissionais da educação para atuarem de forma qualificada, nas situações que oferecem risco de morte ou agravos à saúde dos alunos. (CALANDRIM *et. al.* 2017).

A ausência percebida de aptidão nessa temática está relacionada à falta de treinamentos institucionais efetivos e/ou ao uso de metodologias impróprias para o treinamento das habilidades em primeiros socorros (SÖNMEZ *et. al.* 2014). Isso pôde ser inferido, no presente trabalho, a partir dos relatos dos entrevistados sobre o esquecimento do conteúdo e da dificuldade em manter ativo o conhecimento adquirido anteriormente.

O despreparo em primeiros socorros de professores e funcionários é dissonante com a responsabilidade que as escolas públicas e privadas têm com a integridade física do aluno enquanto este estiver sob sua guarda. Expostas à responsabilização civil, as instituições de ensino assumem a obrigação e o dever em relação às consequências que suas atividades possam gerar aos pais e alunos. (BRASIL, 2002).

Como estratégia para transformar este cenário, no Brasil foi aprovada, em outubro de 2018, a Lei nº 13.722 que determina a oferta de cursos de noções de primeiros socorros para professores e funcionários de escolas públicas e privadas, de educação infantil e básica. O objetivo é que tais profissionais possam realizar de forma imediata e eficiente o primeiro atendimento, em caso de ocorrências de urgência ou emergência no ambiente escolar, até a chegada do serviço de saúde. (BRASIL, 2018).

Apesar de diversos estudos ressaltarem a eficiência de cursos e treinamentos para a melhoria do nível de conhecimento e habilidade em primeiros socorros dos profissionais no ambiente escolar (CALANDRIM *et. al.* 2017; NATARAJAN & GURUNATHAN, 2013; MARTIN, 2015; FIOCUC *et. al.* 2008), poucos estudos avaliaram a eficácia do ensino após um período de tempo.

Um dos dilemas de cursos em primeiros socorros está na permanência das habilidades quando as práticas e condutas não são usadas frequentemente e com isso tendem a ser pouco lembradas. (PERGOLA & ARAÚJO, 2009). Haja vista que o aprendizado e a habilidade em primeiros socorros se concentram nos profissionais que exercem suas atividades em hospitais, postos de saúde ou em outros locais que lidam constantemente com vítimas de acidentes e agravos à saúde.

Contudo, legalmente, todos os indivíduos são responsáveis pela realização dos primeiros socorros, uma vez que a não prestação de assistência é considerada crime de negligência (NARDINO *et. al.* 2014). Assim, pode-se perceber a necessidade imprescindível do conhecimento dos primeiros socorros para diferentes segmentos sociais e profissionais, principalmente para professores e funcionários escolares, já que as situações emergenciais podem acometer diferentes grupos da população (COSTA *et. al.* 2015).

Além disso, um preparo prévio e a ação de tomada de decisão de quem oferece socorro podem fazer toda a diferença, principalmente no ambiente escolar, já que, pelas atividades desenvolvidas rotineiramente, sobretudo nas aulas recreativas, são comuns as ocorrências de emergências, como fraturas, hemorragias, escoriações, desmaios, convulsões e outros agravos. (MAIA *et. al.* 2012; GALINDO NETO *et. al.* 2017).

Logo, é extremamente importante que os professores e funcionários saibam as técnicas corretas e específicas para cada tipo de ocorrência, para atuarem na prevenção de mortes, na manipulação correta da vítima, na diminuição do tempo de permanência hospitalar oriundas por complicações e até mesmo a chamada desnecessária da equipe de socorro. (VERONESE *et. al.* 2010; FIORUC *et. al.* 2008).

Ao investigar a percepção dos entrevistados quanto à importância dos conhecimentos dos primeiros socorros no ambiente escolar, os servidores públicos pontuaram motivos primordiais e extremamente importantes para a manutenção da saúde dos escolares, tais como: salvar vidas; agir com segurança na cena; gerar tranquilidade ao acidentado; prevenir acidentes e cumprir com a responsabilidade social de zelar pelo aluno. Assim, os resultados foram convergentes com outras pesquisas que discutiram a importância do conhecimento de primeiros socorros para professores e funcionários no ambiente escolar (OLIVEIRA, 2014; PERGOLA & ARAUJO, 2009).

Em uma pesquisa realizada em uma escola na cidade de São Paulo, além da quantificação do nível de conhecimento dos participantes e da análise do impacto gerado após a intervenção em primeiros socorros, os entrevistados caracterizaram a importância do treinamento em primeiros socorros para o dia a dia de sua profissão. Um percentual de 82,5% da amostra classificou como sendo “muito importante” o ensino de primeiros socorros para a realidade escolar, elencando o grau de relevância ao poder de salvar vidas (FIORUC *et. al.* 2008).

Aliás, a habilidade adquirida em primeiros socorros que possa resultar em salvar vidas, pode ser válida em diversos cenários. Do próprio trajeto para o trabalho ou em um simples passeio pelo parque, pode-se vivenciar uma situação em que alguém necessite de cuidados emergenciais. Poder prestar assistência de forma correta, eficiente e que garanta a sobrevivência da vítima é uma das vantagens de possuir o conhecimento de primeiros socorros e um exercício para a promoção e consolidação de um tecido social baseado na cultura da empatia, na generosidade, gratuidade e na solidariedade (ROCHE, 2010).

Outro ponto relevante nessa discussão é o reconhecimento da importância da autonomia para o desenvolvimento de práticas de primeiros socorros. O autor Paulo Freire descreve que a autonomia é a capacidade do educando de construir e reconstruir um determinado conhecimento, sendo o ponto de equilíbrio entre a autoridade e a liberdade no processo de aprendizagem (FREIRE, 2011). O aprendizado em primeiros socorros propicia autonomia e segurança para o indivíduo que vivencia uma situação de emergência (CALANDRIM *et. al.* 2017). Essa autonomia faz toda a diferença para identificar e utilizar as formas e os meios para preservar e salvar vidas.

Ao serem questionados sobre o conhecimento em primeiros socorros, alguns entrevistados relataram a necessidade e motivação pelo tema, devido ao ato de cuidar de filhos ou parentes. Essa expectativa associa os primeiros socorros com o processo de cuidado, tornando o conhecimento útil não somente para o ambiente escolar, mas também para a vida familiar e social dos servidores. Além disso, o

conhecimento prévio, adquirido com experiências familiares, interfere diretamente no planejamento e na aplicação de atividades educativas ao propiciar a construção de um novo saber baseado na aprendizagem significativa (GALINDO NETO *et. al.* 2017).

Além dessas experiências, o conhecimento em primeiros socorros pode ser adquirido pelos meios de comunicação como televisão, rádio ou internet, porém é importante ressaltar que algumas fontes podem não ser seguras e disseminarem informações erradas ou incompletas, podendo causar malefícios para o socorro às vítimas. Assim, o ideal é que essas informações sejam adquiridas em atividades educativas com a presença de um profissional de saúde (VERONESE *et. al.* 2010).

A maioria dos entrevistados descreveu, neste estudo, sentir-se despreparo para atuar em situações de socorro no ambiente escolar. Apesar de 62% dos servidores afirmarem já ter realizado cursos ou treinamentos de primeiros socorros, dado acima da média de outros estudos realizados com profissionais da educação (CALANDRIM *et. al.* 2017 & ESTEVES, 2015). Os participantes criticaram a baixa frequência dos treinamentos em primeiros socorros, salientando a importância de um ensino contínuo dessa temática no ambiente escolar. Nessa mesma linha, diversos autores defendem que os treinamentos e cursos realizados em primeiros socorros para professores e funcionários devem ser permanentes e não apenas esporádicos (SONMEZ, 2014; KAWAKAME & MIYADAHIRA, 2015).

Para Freire (2011), o conhecimento pode diminuir os danos quando em combate aos problemas, de maneira que é possível intervir na realidade. Assim, para que professores e funcionários estejam aptos para socorrerem um aluno ou para atuarem em medidas preventivas de acidentes ou de agravamento de situações emergenciais, são necessárias ações educativas que estimulem o pensar e o refletir sobre as práticas de primeiros socorros, de forma que utilizem a criatividade e a curiosidade para adquirirem um conhecimento capaz de sanar os problemas que possam ocorrer no dia a dia da escola (FREIRE, 2011).

Neste contexto, essas concepções também corroboram com Ceccim (2012), o qual relata que os treinamentos pontuais não propiciam o desenvolvimento de competências profissionais, pois utilizam metodologias que transferem os conhecimentos de um para o outro, de forma que não estimulam o aluno a pensar e refletir sobre o assunto, apenas decorar. O mesmo autor indica as metodologias ativas para o ensino e aprendizagem de conteúdos de saúde, porque estimulam a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes e favorecem a construção de um novo saber (CECCIM, 2012).

O autor Paulo Freire também critica a pedagogia tradicional, dada como a educação bancária, onde o conhecimento é apenas depositado para o educando não estimulando uma análise crítica e significativa dos conteúdos apresentados. O uso de metodologias ativas, para o renomado autor, reflete na construção do conhecimento novo, a partir de conhecimentos e experiências prévias que os indivíduos possuem (FREIRE, 2014).

A metodologia ativa de ensino coloca o educando como principal agente do seu aprendizado, favorecendo a autonomia e fomentando o despertar de sua curiosidade. Além disso, o uso dessa metodologia estimula a tomada de decisão, a partir da reflexão da prática e do contexto social do educando, associando a teoria à prática. (BORGES & ALENCAR, 2014).

Utilizando-se de metodologias ativas para a educação em primeiros socorros, um estudo brasileiro contou com a estratégia de ensino em roda de conversa para que os profissionais da educação relatassem suas vivências e dúvidas sobre práticas de primeiros socorros. (SILVA *et. al.* 2017). As experiências vivenciadas pelos participantes contribuíram para enriquecer o debate sobre intervenções de urgência e emergência no ambiente escolar.

No Brasil, têm sido desenvolvidos diversos estudos que utilizam metodologias ativas em ações educativas de saúde para os profissionais da educação. (SILVA & CORTEZ, 2017; SILVEIRA *et. al.* 2012), contudo essas experiências com relação à temática de primeiros socorros são ainda reduzidas. A metodologia de ensino-aprendizagem empregada nessas atividades deve favorecer o reconhecimento da realidade vivida no ambiente escolar, promover a reflexão das práticas de trabalho e estimular uma aprendizagem significativa para os educandos.

Os participantes do presente estudo declararam perceber a necessidade de uma aplicação constante do ensino em primeiros socorros, logo, a inserção dos professores e funcionários no planejamento e construção dos cursos a serem oferecidos é relevante para que ocorra uma adesão às atividades educativas sobre essa temática. (PINTO *et. al.* 2012).

Uma estratégia que seria útil para desbravar as ações educativas neste cenário seria o uso da Educação Permanente em Saúde (EPS), já que se consolida como uma proposta de aprendizagem e ferramenta para a formação e desenvolvimento dos trabalhadores. (FERRAZ & NEMES, 2009). A educação permanente é caracterizada como a aprendizagem no trabalho que associa o aprender e o ensinar com o cotidiano e utiliza a metodologia da problematização para refletir sobre as deficiências da prática e aprender com suas soluções. Diferencia-se de outras intervenções educativas, pois intitula os sujeitos como parte do processo de construção de novos saberes e práticas sociais, estimulando a criatividade, a capacidade de “aprender a aprender” dos educandos. (FREIRE, 2011).

A EPS pode ser utilizada como estratégia para reorganização das atividades de ensino da saúde no cenário escolar (SILVA & CORTEZ, 2017; JUZWIAK *et al.* 2013). Por se constituírem de forma ascendente, utilizando métodos contrários ao ensino tradicional; as atividades de educação permanente são uma excelente tática para promover a autonomia e o empoderamento dos servidores frente a situações que necessitem de primeiros socorros.

A referência de Paulo Freire como mentor do processo de educação permanente no ambiente escolar é necessário devido à importância de suas teorias e concepções para pensar nas abordagens e

discussões de temáticas em saúde. Para o autor, a educação problematizadora estimula a troca de saberes entre educador e educando, contribuindo para formar um conhecimento que parte da necessidade dos problemas e desafios encontrados nas práticas escolares (FREIRE, 2014). Além disso, acrescenta que é através da educação que o homem encontra sua verdadeira emancipação, de forma que a ação transformadora gerada por ela estimula a consciência crítica e se opõe à prática opressora do ensino tradicional (Freire, 2011).

Por não ser obrigatório o profissional de saúde na composição do corpo de funcionários em instituições de ensino, a qualidade das atividades educativas em primeiros socorros depende do apoio e parceria com os profissionais que atuam na atenção primária à saúde, participantes do Programa de Saúde na Escola (FIGUEIREDO *et. al.* 2010). Essa necessária parceria, reforça a EPS como uma ferramenta eficaz para a ação em conjunto da saúde e educação. Geradora de espaços para debates e discussões sobre as reais necessidades de saúde no ambiente escolar, a EPS possibilita a recomendação de temas em saúde, transversais e interdisciplinares, agregados ao projeto pedagógico da escola.

Dessa forma, embora a EPS seja pouco conhecida no ambiente escolar, a sua prática representa uma estratégia eficiente para a discussão e treino de tomada de decisões, propondo além da aprendizagem da teoria, práticas através de simulações de eventos e acidentes que possam ocorrer no cenário escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos no presente estudo reforçam a percepção geral da precariedade do conhecimento e habilidades em primeiros socorros pelos profissionais que atuam no ambiente escolar, ressaltando a importância da capacitação nessa temática em saúde para a referida população.

A maioria dos profissionais que atuam em instituições de ensino, quando questionados ativamente, relata a percepção da importância dos primeiros socorros para o seu trabalho. Também demonstram ter motivações pró-sociais e preocupações sobre sua responsabilidade profissional em relação aos cuidados com os alunos. Contudo, é evidente que a falta de reforço continuado sobre o tema, desde a formação até o final da atuação do profissional, propicia seu esquecimento.

Desta forma, para que ocorram mudanças na realidade do ambiente estudado, é preciso que os profissionais sejam estimulados a discutir constantemente os temas relacionados aos primeiros socorros. Assim, a Educação Permanente em Saúde representa uma estratégia eficiente que pode proporcionar espaços contínuos de problematização, simulação, debate e tomada de decisão para as situações particulares relacionadas a temas em saúde vivenciadas no cenário escolar.

Este estudo espera contribuir para a realização de novas pesquisas que fomentem maior embasamento científico por meio de resultados, seja com a aplicação da EPS, como de outras

metodologias inovadoras para o ensino e manutenção das habilidades em primeiros socorros aos profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

AMERICAN HEART ASSOCIATION (AHA). Destaques da AHA 2015: atualização das diretrizes de RCP e ACE. 2015. Disponível em: <https://eccguidelines.heart.org/wp>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**: Decreto-lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940. São Paulo: Saraiva, 2002. art.135.

BRASIL. Código Civil, Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002. 1ª edição. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: MS, 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018**. Torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil. Diário Oficial da União, 5 out, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13722.htm.

BORGES, T.S; ALENCAR, G.; Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**; nº 04, p. 119-143, 2014.

CALANDRIM, L.F et al. Primeiros socorros na escola: treinamento de professores e funcionários. **Rev Rene**, n.13, v. 3, p.292-299, maio-jun, 2017.

CECCIM, Ricardo Burg. Desenvolvimento ou competências no trabalho em saúde: educação, áreas do conhecimento e profissões no caso da saúde. **Tempus**, v.6, n.2, p.253-277, 2012.

COSTA, C.W. A et al. Unidade didática de ensino dos primeiros socorros para escolares: efeitos do aprendizado. *Pensar Prát* [Internet], v.18, n.2, p.338-349, 2015. [acessado 2019 Fev 01] Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/30205>.

ESTEVES, D et al. Avaliação do conhecimento dos professores de educação física para reagirem a situações de emergência. *Motricidade* [Internet], v.11, n.1, p.39-53, 2015. [acessado 2019 Feb 1]; Disponível em: <file:///C:/Users/Martins/Downloads/3125-Article%20Text-18245-1-10-20150502.pdf>.

FERRAZ, D.A.S; NEMES, M.I.B. Avaliação da implantação de atividades de prevenção das DST/AIDS na atenção básica: um estudo de caso na Região Metropolitana de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.25, n.2, p.240-250, 2009.

FERNANDES, A. O.; OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. Comportamentos Pró-Sociais de Adolescentes em Acolhimento Institucional. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 33 p. 1-7, 2016.

FIGUEIREDO, T.A.M et al. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciênc. saúde coletiva**, v.15, n.2, p.397-402, 2010.

FIORUC, B. E et al. Educação em saúde: abordando primeiros socorros em escolas públicas no interior de São Paulo. **Revista eletrônica de Enfermagem**, São Paulo, v. 10, n. 3, out. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALINDO NETO, Nelson Miguel et al. Primeiros socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professores. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 87-93, jan. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002017000100087&lng=pt&nrm=iso.

HYPOLITO, A.M. **Reorganização gerencialista da escola e trabalho docente**. Educação: teoria e prática, Rio Claro, v.38, n.21, p.1-18, 2011.

JOSEPH, N et al. Awareness, attitudes and practices of first aid among school teachers in Mangalore, South India. *J Prim Health Care*[Internet], v.7, n.4, p.274-228, 2015. [cited 2019 Feb 1] Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26668832>.

JUZWIAK, Claudia Ridel; CASTRO, Paula Morcelli de; BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. A experiência da Oficina Permanente de Educação Alimentar e em Saúde (OPEAS): formação de profissionais para a promoção da alimentação saudável nas escolas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1009-1018, Apr, 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000400014&lng=en&nrm=iso. access on 29 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000400014>.

KAWAKAME, P.M.G; MIYADAHIRA, A.M.K. Assessment of the teaching-learning process in students of the health area: cardiopulmonary resuscitation maneuvers. **Rev Esc Enferm USP** [Internet], v.49, n.4, p.652-658, 2015. [cited 2019 Feb 1]; Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n4/0080-6234-reeusp-49-04-0657.pdf>.

LEITE, A.C.Q.B et al. Primeiros socorros nas escolas. **Revista Extendere**, v.2, n.1, p. 61-70, 2013.

MARTÍN, R.A. Educación para la salud en primeros auxilios dirigida al personal docente del ámbito escolar. **Enferm univ**, v.12, n.2, p.88-92, maio, 2015. Available from: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1665706315000056>.

MACHADO, M.F.A. S, et al. Programa Saúde na Escola: estratégia promotora de saúde na atenção básica no Brasil. **Rev Bras Crescimento Desenvol Hum**, v.25, n.3, p.307-312, 2015.

MAIA, M.F. M et al. Primeiros socorros nas aulas de educação física nas escolas municipais de uma cidade no norte do estado de Minas Gerais. **Col Pesq Educ Física**, v.11, n.1, p.195-204, 2012.

NARDINO, J et al. Atividades educativas em primeiros socorros. **Revista Contexto & Saúde**, v.12, n.23, p.88-92, 2014.

NATARAJAN, K; GURUNATHAN, D. Knowledge of tooth avulsion and its emergency management among physical education teachers in Chennai. *IOSR-JDMS* [Internet], v.11, n.5, p.21-24, nov-dec, 2013. [cited 2019 Feb 1]; Available from: <http://www.iosrjournals.org/iosr-jdms/papers/Vol11-issue5/F011512124.pdf>.

OLIVEIRA, A.B.M.G. A abordagem de primeiros socorros realizada pelos professores em uma unidade de ensino estadual em Anápolis – GO. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde** [Internet], v.18, n.1, p.25-30, 2014. [acessado 2019 Feb 1]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26037787004>.

OLIVEIRA, I.S et al. Knowledge of educators on prevention of accidents in childhood. *J Nurs UFPE on line* [internet]., v.8, n.2, p-279-85, 2014. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3390/pdf_4530.

PERGOLA, M.A; ARAÚJO, I.E.M. O leigo e o suporte básico de vida. *Rev Esc Enferm USP*, v.43, n.2, p.335-342, 2009.

PINTO, B.K et al. Promoção da saúde e intersetorialidade: um processo em construção. *Rev Min Enferm*, v.16, n.4, p.487-493, 2012.

ROCHE, O. R. **Prosocialidad nuevos desafíos: Métodos y pautas para la optimización creativa del entorno**. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2010.

SILVA, L.G.S et al. Primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar: intervenção em unidade de ensino. *Enferm Foco*, v.8, n. 3, p. 25-29, 2017. [acessado 2019 Fev 1] Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/893/394>.

SILVA, L.M; CORTEZ, E.A. Oficinas de educação permanente sobre infecção sexualmente transmissível: relato de experiência. *Rev enferm ufpe on line*, v.11, n.5, p.2250-2256, 2017.

SILVEIRA, R.E et al. Oficinas com professores: educação em saúde para o manejo com adolescentes. *ActaPaul Enferm*, v.25, p. 169-174, 2012.2012.

SÖNMEZ, Y; USKUN, E; PEHLIVAN A. Knowledge levels of pre-school teachers related with basic firstaid practices, isparta sample. *Turk PediatriArs*. [Internet]. 2014 [cited 2017 Abr 14]; v.49, n.3, p-238- 246, 2014. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26078669>.

STOCCO, J et al. O enfermeiro na educação escolar ensinando noções básicas de primeiros socorros para alunos do ensino fundamental. *Revista Eletrônica da Facimed*, v.3, n.3, p.363-370, 2011.

VERONESE, A.M et al. Oficinas de primeiros socorros: relato de experiência. *Rev. Gaúcha Enferm*, v.31, n.1, p.179-182, 2010. [acessado 2019 Fev 1];31(1):179-182. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472010000100025>.